CONGRESSO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO
ISSN 2763-8588

SE EU FOSSE PRESIDENTE DO MUNDO: trabalhando com a oralidade em uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental

Dhietelly Morghana Almeida Santos[1]

Eixo temático: 8. Alfabetização e modos de aprender e de ensinar

Resumo: O texto expõe um relato de experiência docente em uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental. A prática pedagógica realizada considerou como objeto de ensino a oralidade, mais especificamente o gênero textual discurso. Também foi apresentada a importância de a escola promover práticas que tomem a oralidade como objeto de ensino, uma vez que esta é considerada ferramenta de inserção social (ARAUJO, 2015).

Palavras-chaves: alfabetização; oralidade.

Introdução

Este texto apresenta um relato de experiência de uma prática pedagógica de uma professora iniciante na carreira docente, com a primeira inserção em sala de aula através do estágio obrigatório, realizado na 9° e última etapa do curso de Licenciatura em Pedagogia. Relatos que narram experiências iniciais com a profissão são importantes momentos de reflexão, uma vez que, os primeiros anos de atuação docente influenciam significativamente no professor que irá se constituir.

O estágio docente foi realizado em uma escola pública da rede estadual de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, no segundo semestre de 2022. A turma de 2º ano do Ensino Fundamental era composta por 19 alunos. O objetivo geral da prática que será aqui apresentada era que, ao final de uma sequência de atividades, os alunos fossem capazes de planejar, organizar e produzir um texto oral, dentro do gênero textual discurso, tendo como suporte um texto escrito.

A seguir, inicialmente, serão discutidos alguns pontos sobre o ensino da oralidade. Na sequência, será apresentada a prática desenvolvida com uma turma de 2º ano do Ensino

[1] Licenciada em Pedagogia. Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Contato: dhietellya@gmail.com.

Fundamental. Por último, serão apresentadas as considerações finais do trabalho.

2 Algumas considerações sobre oralidade

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de Língua Portuguesa organiza seus eixos de integração em conformidade com práticas de linguagem, sendo elas: leitura de textos, produção de textos, oralidade e análise linguística/semiótica (BRASIL, 2018). Estes quatro eixos são considerados importantes para o ensino da Língua Portuguesa, porém, não é novidade que a oralidade acaba sendo com menor frequência objeto de ensino. De acordo com Araujo (2015), tanto a oralidade como a escrita são ferramentas de inserção social. Sendo assim, o trabalho com a Língua Portuguesa deve ser permeado por gêneros textuais de ambas modalidades.

E, para que a oralidade se constitua como objeto de ensino, é necessário "[...] antes de tudo, um esclarecimento das práticas orais de linguagem que serão exploradas na escola e uma caracterização das especificidades linguísticas e dos saberes práticos nelas implicados" (DOLZ; SCHNEUWLY; HALLER, 2004, p.140). Ou seja, ao considerar a oralidade como objeto de ensino "[...] o essencial não é caracterizar o oral em geral e trabalhar exclusivamente os aspectos de superfície da fala, mas, antes, conhecer diversas práticas orais de linguagem e as relações muito variáveis que estas mantêm com a escrita" (DOLZ; SCHNEUWLY; HALLER, 2004, p.140).

Citando os estudos de Marcuschi, Araujo (2015) aponta que considerar a escrita como representação da fala reduz ambas, uma vez que cada uma possui suas especificidades: "no caso da fala, a entonação, o olhar, a gestualidade; no caso da escrita, todos os elementos pictóricos e gráficos não verbais que também contribuem para a produção de sentidos" (ARAUJO, 2015, p. 9).

Araujo (2015) argumenta que apesar de os alunos chegarem na escola com um certo domínio da linguagem oral, isso não significa que a oralidade não deve ser objeto de ensino, sendo a escola responsável em ocupar-se dos usos mais formais e de menor familiaridade da oralidade, além do domínio da norma norma linguística de prestígio social. A autora salienta que:

> Os gêneros orais mais formais, no entanto, estabelecem frequentemente relações com a escrita. Um seminário, situação em que conteúdos escolares específicos são oralmente comunicados pelos alunos, exige um planejamento que se apoia em textos escritos, seja em roteiros, em um texto de que se apropriam ou ainda nos próprios textos a partir dos quais preparam a fala (ARAUJO, 2015, p. 13).

Nesta prática pedagógica, para trabalhar com a oralidade, foi escolhido o gênero textual discurso. O verbete sobre discurso traz a seguinte definição: “Geralmente expositivo-argumentativo, formulado num encadeamento lógico e ordenado, pode expressar formalmente a maneira de pensar e de agir e/ou as circunstâncias identificadas ou não com um certo assunto, meio ou grupo a quem o orador se dirige” (COSTA, 2014, p. 104).

Considerando que a oralidade é uma ferramenta de inserção social e que a escola deve planejar e organizar situações em que ela seja objeto de ensino, as páginas seguintes irão apresentar alguns elementos de uma prática pedagógica que considerou a oralidade, mais especificamente o discurso, como objeto de ensino.

3 Se eu fosse presidente do mundo: relato de prática

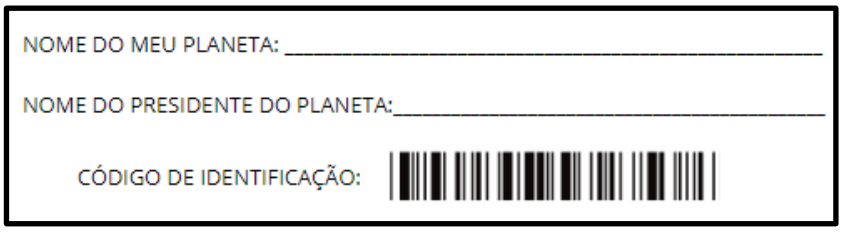
A prática foi construída em três grandes momentos, que foram organizados da seguinte forma: 1) motivação inicial; 2) exploração do gênero oral discurso; 3) apresentações dos discursos. O que pretendeu-se com essa proposta foi que os alunos desenvolvessem a capacidade de produzir textos orais de um gênero mais formal, a saber, o discurso. Logo, a sequência de atividades visou que, ao final, cada aluno fosse capaz de produzir um discurso, tendo como suporte um texto escrito.

Na sequência, serão apresentados estes três momentos, não de maneira exaustiva, como uma “receita” pronta. O que pretende-se, aqui, é lançar algumas ideias, a partir de uma prática pedagógica real, sobre um dos múltiplos modos de trabalhar o gênero oral em sala de aula. A ideia deste texto é ser bem prático, a fim de ampliar o acervo de práticas pedagógicas que circulam pelas salas de aula. Serão apresentados, especialmente, os recursos didáticos elaborados para esta prática.

3.1 Motivação Inicial

Ao iniciar qualquer prática pedagógica, é importante ter alunos motivados, uma vez que o engajamento na proposta dependerá em grande parte disso. Para iniciar a aproximação dos estudantes com o gênero que seria trabalhado, foi lido o livro intitulado “Pequenas observações sobre a vida em outros planetas”, escrito por Ricardo Silvestrin. A obra compila poemas sobre planetas inventados. A leitura dos poemas motivou os alunos a confeccionarem com argila seus próprios planetas. A construção desse contexto e atmosfera de planetas inventados estava ligada com o que seria proposto para a turma ao final da prática: elaborar um discurso com a temática “se eu fosse presidente do mundo, o que eu faria?”. A Figura 1 mostra uma forma interessante de identificar os trabalhos elaborados pelas crianças.

Figura 1: Recurso didático “ficha de identificação”



Fonte: acervo próprio

3.2 Exploração do gênero textual discurso

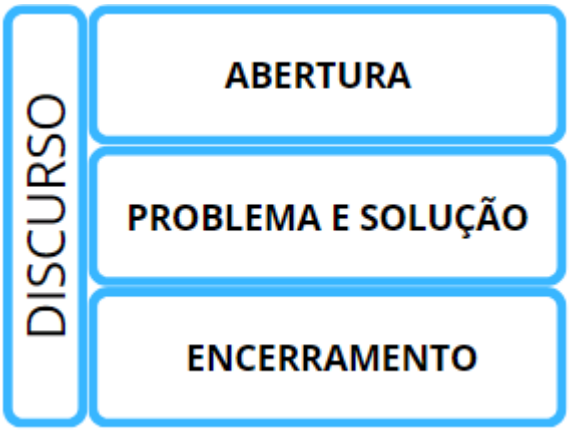
A exploração do gênero textual foi feita de modo gradual, explícito e intencional. A forma de apresentação do gênero oral trabalhado foi a partir da própria experimentação de ouvir um discurso. Para isso, a professora titular da turma foi convidada a criar o seu próprio planeta e elaborar um discurso considerando que ela fosse a presidente desse planeta. Ao ter contato com o discurso oralizado pela professora, os estudantes foram convidados a identificar alguns elementos que compunham o discurso recém escutado. Após ouvir e considerar as hipóteses das crianças, foi definida a estrutura que teriam os discursos elaborados pela turma, sendo eles: abertura, problema e solução e fechamento. Os alunos foram convidados a elaborar coletivamente um discurso da turma, seguindo a estrutura formalizada. Neste momento, a professora atuou mediando as ideias sugeridas pelos alunos, e, ao final, como escriba do discurso elaborado pela turma na lousa.

Ao longo dos dias em que foi trabalhado este gênero oral, foram realizadas diversas atividades para ajudar os alunos a compreenderem não apenas a estrutura de um discurso, mas também recursos extralinguísticos, tais como, gestos, expressões faciais, etc. A atitude corporal necessária para falar em público, a modulação da voz, considerando as pausas, a velocidade e a altura da voz, os modos de captar a atenção do espectador, estratégias para lidar com a timidez e a gradação de formalidade na oralização também formam elementos trabalhados sistematicamente. Também foi discutida a importância de ter clareza das ideias e que, para isso, é importante planejar o que será dito, podendo o texto escrito ser um bom suporte para isso, uma vez que a escrita e a fala se complementam. Ou seja, a escrita e oralidade foram trabalhadas não de forma dicotômica, mas em uma relação de complementariedade.

Tendo como foco a oralização do texto escrito, foram utilizados alguns recursos didáticos que serviram como apoio para o planejamento do discurso, podendo ser citados três

deles. O primeiro, apresentado na figura 2, trata-se de uma folha estruturada com a estrutura base para o discurso. A folha foi elaborada de maneira interativa de modo que, ao levantar cada aba, o aluno pudesse escrever em tópicos ou pequenos parágrafos algumas ideias iniciais para seus discursos.

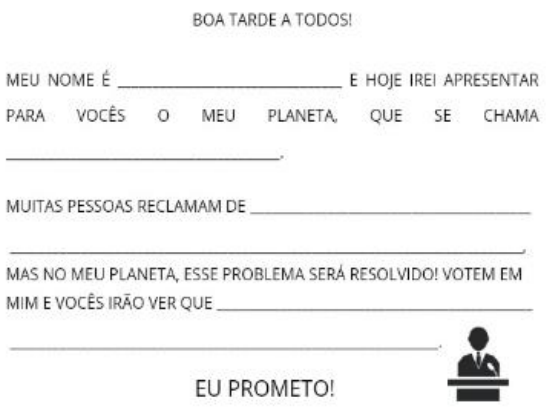
Figura 2: Folha estruturada



Fonte: acervo próprio

Disponibilizar materiais que fujam da folha em branco com algumas linhas colabora para um maior entusiasmo por parte dos alunos, além de ajudar a evitar a famosa “síndrome da folha em branco”. Outro exemplo de folha estruturada que oferecia suporte para a elaboração dos discursos pode ser visto na figura 3, na qual a estrutura base do discurso já está posta, sendo necessário apenas que o aluno preencha algumas lacunas. Esta é uma alternativa interessante para os alunos que ainda não estão alfabéticos.

Figura 3: Folha estruturada de apoio


BOA TARDE A TODOS!

MEU NOME É _____ E HOJE IREI APRESENTAR PARA VOCÊS O MEU PLANETA, QUE SE CHAMA _____.

MUITAS PESSOAS RECLAMAM DE _____

_____.

MAS NO MEU PLANETA, ESSE PROBLEMA SERÁ RESOLVIDO! VOTEM EM MIM E VOCÊS IRÃO VER QUE _____

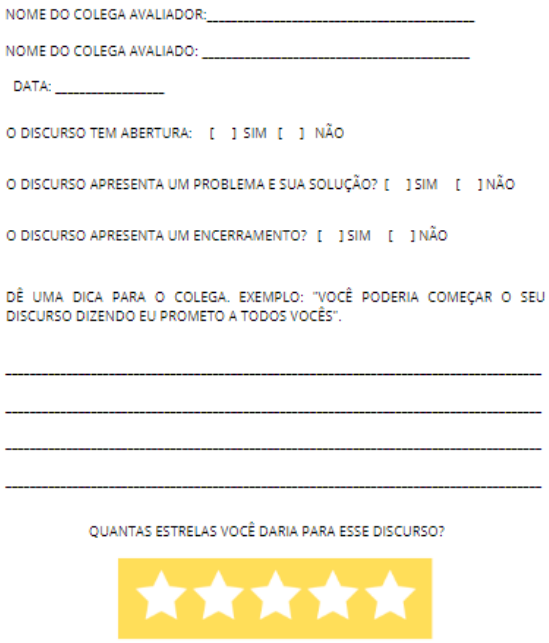
_____.

EU PROMETO!

Fonte: acervo próprio

Outra estratégia utilizada foi a colaboração entre pares. Para isso, os alunos trocaram entre si a primeira versão de seus discursos. A proposta foi que cada aluno fizesse uma leitura cuidadosa do texto do colega e, após, uma avaliação igualmente cuidadosa do texto de seu par. Alguns pontos a serem considerados na avaliação foram: se o discurso apresentava abertura, problema/solução e fechamento. Na figura 4 é apresentada a folha estruturada.

Figura 4: Folha estruturada para colaboração entre pares


NOME DO COLEGA AVALIADOR:_____

NOME DO COLEGA AVALIADO: _____

DATA: _____

O DISCURSO TEM ABERTURA: [ ] SIM [ ] NÃO

O DISCURSO APRESENTA UM PROBLEMA E SUA SOLUÇÃO? [ ] SIM [ ] NÃO

O DISCURSO APRESENTA UM ENCERRAMENTO? [ ] SIM [ ] NÃO

DÊ UMA DICA PARA O COLEGA. EXEMPLO: "VOCÊ PODERIA COMEÇAR O SEU DISCURSO DIZENDO EU PROMETO A TODOS VOCÊS".

_____

_____

_____

_____

QUANTAS ESTRELAS VOCÊ DARIA PARA ESSE DISCURSO?

Fonte: acervo próprio

Contudo, para a utilização desta estratégia são necessários alguns importantes cuidados. A sala de aula deve ser, antes de tudo, um espaço de acolhimento, no qual os alunos se sintam confiantes e seguros para expressar suas opiniões, ideias e até mesmo um espaço em que o erro seja bem aceito. Além do mais, é importante deixar claro para a turma que nesta colaboração entre pares, os colegas não estarão fazendo juízo de valores, mas sim, colaborando com a produção de seu par e também recebendo uma contribuição sobre seu próprio texto.

3.3 Produção final: apresentações dos discursos

Todas as atividades aqui descritas e as que não foram aqui narradas tinham como foco alcançar um objetivo de aprendizagem: planejar, organizar e produzir um texto oral tendo como suporte um texto escrito. A proposta final era que, considerando que cada um era presidente de um planeta, que já havia sido confeccionado e identificado no primeiro momento, fosse elaborado um discurso buscando convencer as pessoas a morarem no seu próprio planeta. A produção final se tratava, portanto, de um discurso. Para isso, ao final da sequência de estudos, cada aluno elaborou, tendo anteriormente construído um vasto repertório, seu próprio discurso tendo como suporte a escrita. Após a elaboração do discurso, foi solicitado aos alunos, como tema de casa, o ensaio desse discurso, de modo a se prepararem para as apresentações.

A sala de aula foi organizada de modo que cada aluno tivesse uma posição de destaque em sua apresentação, além de ter sido disponibilizado um microfone para os alunos em seus turnos de fala. O restante da turma ficava em posição de platéia. Para a oralização, alguns alunos decoraram seus discursos e, outros utilizaram seus discursos escritos como orientador para a organização da fala. As apresentações foram divididas em dois dias, de modo a evitar a dispersão dos alunos. Nas apresentações foram observados os seguintes aspectos:

- Adequação da atitude corporal;
- Adequação da linguagem de acordo com a situação comunicativa;
- Modulação da fala de acordo com o contexto;
- Uso de recursos lexicais adequados ao gênero.

Após todas as apresentações, foi feita uma votação da turma que, considerando os discursos, escolheu em qual planeta viveriam. Foi cedido, também, um espaço para serem feitas perguntas aos oradores.

3.4 Percepções sobre a prática pedagógica

Como já foi apontado anteriormente, apesar de, geralmente, ao ingressar nos Anos Iniciais, as crianças já possuírem um bom grau de desenvolvimento da oralidade por conta das vivências anteriores, através da família, por exemplo, existem certos gêneros orais que não são tão familiares para as crianças, sendo exemplo deles o discurso. Sendo papel da escola oferecer situações que possam ampliar o repertório cultural de seus alunos, foi trabalhado este gênero textual. Permeados por uma situação lúdica, os alunos aprenderam a organizar suas ideias de maneira coerente e coesa, a organizar a postura corporal e a entonação da voz de acordo com uma situação comunicativa mais formal. Tais aprendizagens

não se limitaram apenas ao gênero textual discurso, mas tal gênero foi um excelente plano de fundo para diversos conhecimentos que envolvem a oralidade que poderão ser acionados quando necessários na vida cotidiana, em situações que tal formalidade seja exigida.

Esta prática foi importante para que os alunos mais tímidos, em um ambiente seguro e acolhedor, pudessem preparar e organizar suas falas, com o objetivo de proporcionar que a fala ocorresse com maior facilidade, proporcionando confiança para esses alunos, sempre respeitando os tempos de cada um. O trabalho com a oraliade também foi de importância para os alunos mais extrovertidos, que puderam trabalhar em seus pontos fortes, aprimorando suas habilidades de comunicação.

5 Considerações Finais

O ensino da Língua Portuguesa inclui a leitura e a escrita, e também a oralidade, sendo a escola responsável pelo planejamento e organização de situações de ensino que envolvam todas estas habilidades. Dada a raridade de práticas pedagógicas com foco na oralidade, este trabalho intentou contribuir para a área apresentando uma prática docente que teve como objeto de ensino a oralidade, e mais especificamente o discurso oral. Ao longo dessa prática pedagógica, buscou-se não trabalhar apenas a superfície da fala, mas experienciar uma prática oral e suas relações com a escrita, tal qual orientam Dolz, Schneuwly e Haller (2004). A exploração desse gênero textual permitiu que, ao final da prática pedagógica, os alunos se mostrassem confiantes e mais familiarizados com o gênero oral mais formal.

Este texto se encerra apontando a importância de se trabalhar com a oralidade na sala de aula como objeto de ensino, enxergando-a não em oposição com a escrita, mas sim, em uma relação de continuidade (KLEIMAN, 2005), sendo que a escrita não deve ter uma supremacia com relação a oralidade, buscando sempre evitar a dicotomia entre escrita e oralidade.

Referências

ARAUJO, Liane Castro de. Inter-relações entre oralidade e escrita no componente Curricular Língua Portuguesa. In: BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. DIRETORIA DE APOIO À GESTÃO EDUCACIONAL. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa:** A oralidade, a leitura e a escrita no ciclo de alfabetização. Caderno 05. Brasília: MEC, SEB, 2015. 112 p.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 5 de jun. de 2023.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard; HALLER, Sylvie. O oral como texto: como construir um objeto de ensino?. In: SCHNEUWLY Bernard.; DOLZ, Joaquim e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

KLEIMAN, Angela. **Preciso "ensinar" o letramento?** Não basta ler e escrever? Linguagem e letramento em foco. Campinas: CEFIEL/IEL/UNICAMP, 2005.